

Comentários

Em dezembro de 2017, a produção industrial nacional mostrou expansão de 2,8% frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, quarto resultado positivo seguido e acumulando nesse período ganho de 4,2%. Vale destacar que o avanço verificado nesse mês foi o mais intenso desde junho de 2013 (3,5%). Na série sem ajuste sazonal, no confronto com igual mês do ano anterior, o total da indústria apontou crescimento de 4,3% em dezembro de 2017, oitava taxa positiva consecutiva, mas menos acentuada do que as observadas em outubro (5,5%) e novembro (4,7%) últimos. Assim, os índices do setor industrial foram positivos tanto para o fechamento do quarto trimestre de 2017 (4,9%), como para o acumulado do segundo semestre do ano (4,0%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. No índice acumulado para o ano de 2017, a atividade industrial cresceu 2,5% frente a igual período do ano anterior, após registrar taxas negativas em 2014 (-3,0%), 2015 (-8,3%) e 2016 (-6,4%). A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, ao avançar 2,5% em dezembro de 2017, marcou o resultado positivo mais elevado desde julho de 2011 (2,8%) e prosseguiu com a trajetória ascendente iniciada em junho de 2016 (-9,7%).

A expansão de 2,8% da atividade industrial na passagem de novembro para dezembro de 2017 teve perfil generalizado de crescimento, alcançando três das quatro grandes categorias econômicas e 20 dos 24 ramos pesquisados. Entre os setores, as principais influências positivas foram assinaladas por veículos automotores, reboques e carrocerias (7,4%) e produtos alimentícios (3,3%), com o primeiro eliminando a queda de 0,8% verificada no mês anterior; e o último avançando pelo segundo mês consecutivo e acumulando crescimento de 4,3%. Outras contribuições positivas relevantes sobre o total da indústria vieram de produtos de borracha e de material plástico (6,9%), de metalurgia (4,2%), de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (10,3%), de outros equipamentos de transporte (15,2%), de produtos diversos (21,2%), de produtos de metal (6,0%), de celulose, papel e produtos de papel (3,3%) e de perfumaria, sabões, produtos de limpeza e de higiene pessoal (1,8%). Por outro lado, entre os quatro ramos que reduziram a produção nesse

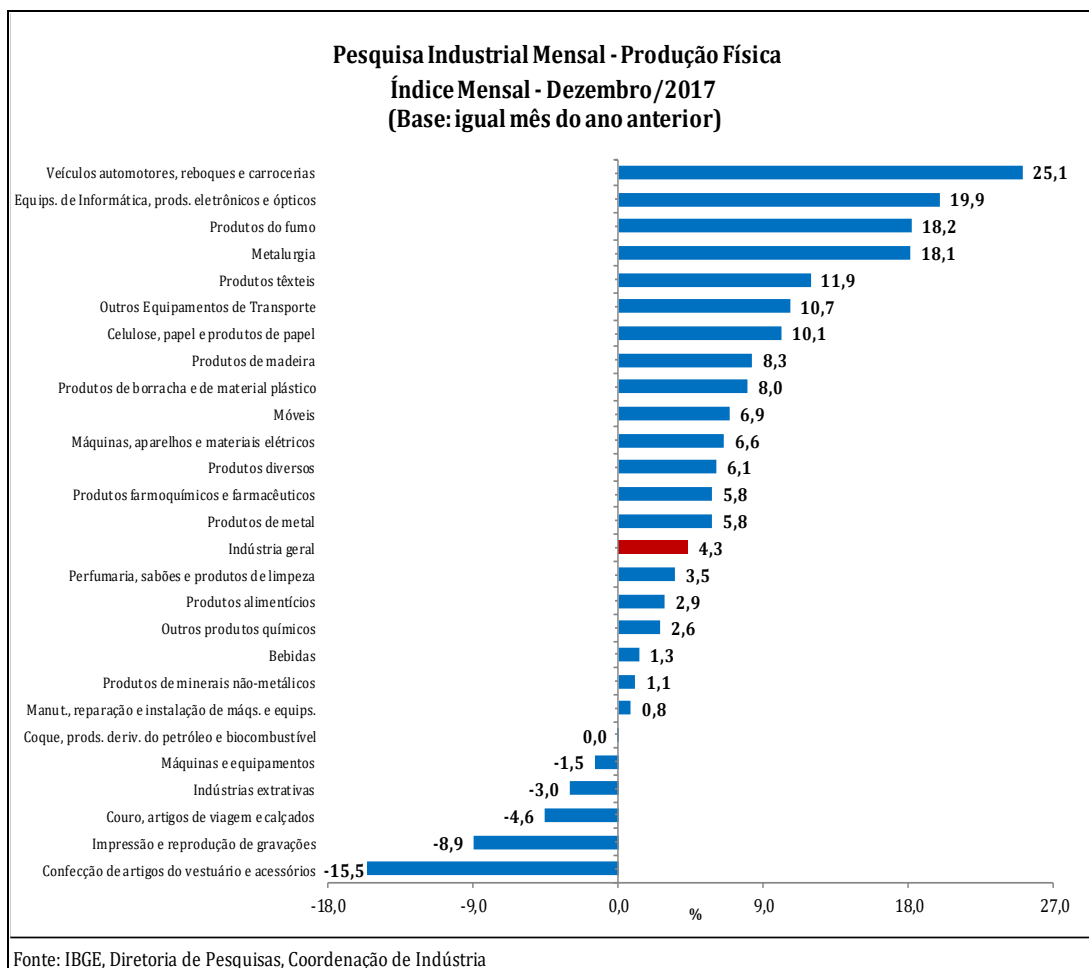
mês, os desempenhos de maior importância para a média global foram assinalados por produtos farmoquímicos e farmacêuticos (-12,1%), coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-2,1%) e indústrias extrativas (-1,5%), com o primeiro eliminando parte do avanço de 22,8% acumulado nos meses de outubro e novembro de 2017; o segundo registrando perda de 5,6% desde outubro de 2017; e o último voltando a recuar após avançar 0,6% no mês anterior.

Entre as grandes categorias econômicas, ainda na comparação com o mês imediatamente anterior, bens de consumo duráveis, ao crescer 5,9%, apontou o avanço mais acentuado em dezembro de 2017 e o segundo resultado positivo consecutivo, acumulando nesse período expansão de 8,9%. Os segmentos de bens de consumo semi e não-duráveis (3,0%) e de bens intermediários (1,7%) também assinalaram taxas positivas nesse mês, com o primeiro revertendo a perda de 2,4% registrada no mês anterior; e o segundo acumulando avanço de 3,0% em dois meses consecutivos de crescimento na produção. O setor produtor de bens de capital (0,0%) mostrou variação nula em dezembro de 2017, interrompendo, dessa forma, o comportamento positivo presente desde abril de 2017, período em que acumulou expansão de 12,4%.

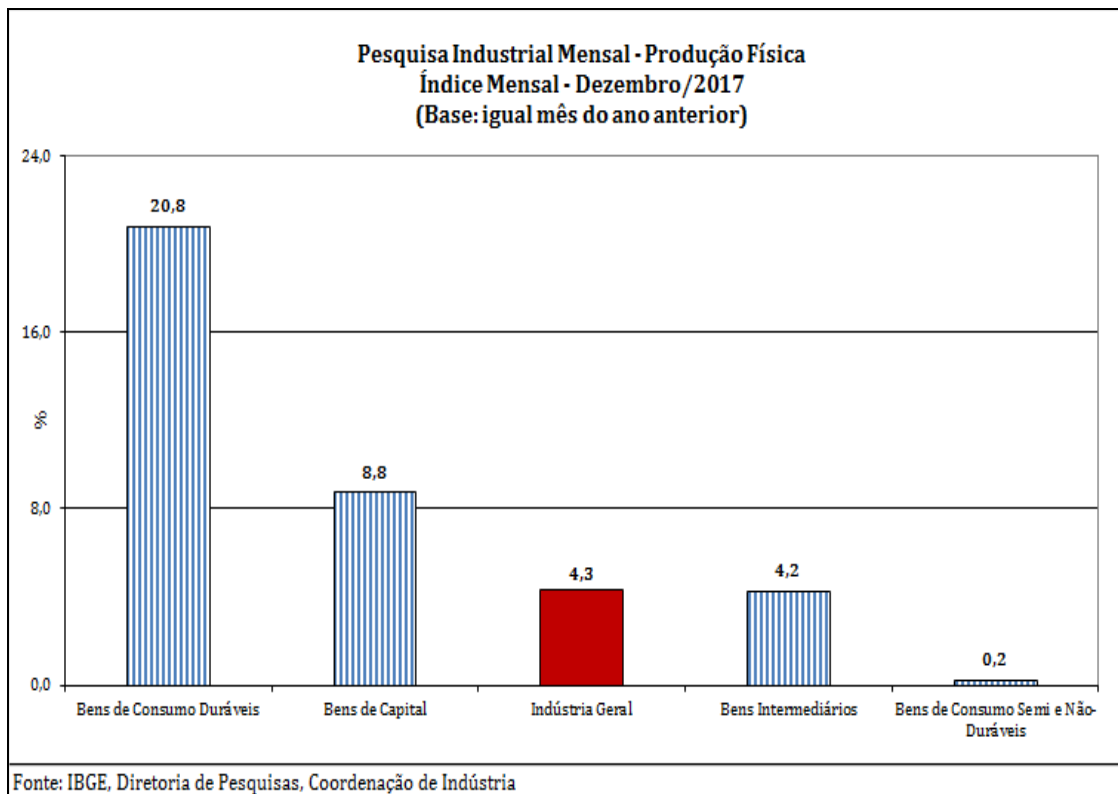
Ainda na série com ajuste sazonal, a evolução do índice de média móvel trimestral para o total da indústria mostrou crescimento de 1,2% no trimestre encerrado em dezembro de 2017 frente ao nível do mês anterior e manteve a trajetória ascendente iniciada em abril de 2017. Entre as grandes categorias econômicas, ainda em relação ao movimento deste índice na margem, bens de consumo duráveis (2,4%) apontou o avanço mais elevado nesse mês e prosseguiu com o comportamento positivo presente desde abril de 2017. Os setores produtores de bens intermediários (0,9%), de bens de consumo semi e não-duráveis (0,6%) e de bens de capital (0,5%) também registraram resultados positivos em dezembro de 2017, com o primeiro acentuando o ritmo de crescimento frente ao observado em novembro último (0,6%); o segundo interrompendo três meses seguidos de taxas negativas e que acumularam redução de 1,6%; e o último assinalando a nona expansão consecutiva e acumulando nesse período ganho de 12,3%.

Na comparação com igual mês do ano anterior, o setor industrial assinalou expansão de 4,3% em dezembro de 2017, com resultados positivos em todas as quatro grandes categorias econômicas, 20 dos 26 ramos, 51 dos 79 grupos e 54,0% dos 805 produtos pesquisados. Vale citar que dezembro de 2017 (20 dias) teve dois dias úteis a menos do que igual mês do ano anterior (22). Entre as atividades, a de veículos automotores, reboques e carrocerias (25,1%) exerceu a maior influência positiva na formação da média da indústria, impulsionada, em grande parte, pela maior fabricação dos itens automóveis, caminhões, caminhão-trator para reboques e semirreboques e autopeças. Outras contribuições positivas relevantes sobre o total nacional vieram de metalurgia (18,1%), de produtos alimentícios (2,9%), de celulose, papel e produtos de papel (10,1%), de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (19,9%), de produtos de borracha e de material plástico (8,0%), de outros produtos químicos (2,6%), de produtos de metal (5,8%), de produtos têxteis (11,9%), de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (6,6%), de outros equipamentos de transporte (10,7%), de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (5,8%) e de produtos de madeira (8,3%). Em termos de produtos, os impactos positivos mais importantes nesses ramos foram, respectivamente, fio-máquina de aço ao carbono, vergalhões de aço ao carbono, ferronióbio, bobinas a frio de aço ao carbono não revestidos, tubos de aço com costura utilizados em oleodutos ou gasodutos, tubos, canos ou perfis ocos de aço sem costura, arames e fios de aço ao carbono, bobinas ou chapas de aço zincadas (galvanizadas) e lingotes, blocos, tarugos ou placas de aço ao carbono ou especiais; açúcar cristal, sucos concentrados de laranja, sorvetes e picolés, tortas, bagaços, farelos e outros resíduos da extração do óleo de soja, óleo de soja em bruto e refinado e carnes de bovinos congeladas, frescas ou refrigeradas; pastas químicas de madeira (celulose); televisores, computadores pessoais portáteis (*laptops*, *notebooks*, *tablets* e semelhantes), aparelhos de comutação para telefonia, máquinas automáticas digitais para processamento de dados, transmissores ou receptores de telefonia celular, computadores pessoais de mesa (*PC desktops*), indicadores de velocidade e relógios de pulso; pneus novos para automóveis,

ônibus e caminhões, tubos flexíveis de plásticos, filmes de material plástico (inclusive BOPP) para embalagem, peças e acessórios de plástico para indústria automobilística e tubos, canos e mangueiras de borracha vulcanizada para indústria automobilística; fungicidas e inseticidas para uso na agricultura, hexametilenodiamina e seus sais e tintas e vernizes para construção; parafusos, porcas e outros artefatos de ferro e aço, torres e pórticos (pilares) de ferro e aço, latas de alumínio para embalagem, artefatos diversos de ferro e aço para indústria automobilística e esquadrias de alumínio; fios de algodão retorcidos, tecidos de algodão crus ou alvejados, roupas de cama (colchas, cobertores, lençóis, etc), tapetes e outros revestimentos têxteis para pavimentos, tecidos revestidos, fitas de tecidos e roupas de banho (toalhas de banho/rosto/mãos e semelhantes) de algodão; interruptores, seccionadores e comutadores, fogões de cozinha, eletro-portáteis domésticos, conversores estáticos elétricos ou eletrônicos, transformadores, baterias e acumuladores elétricos (inclusive para veículos automotores), ventiladores ou circuladores para uso doméstico, refrigeradores ou congeladores para uso doméstico e geradores de corrente contínua; motocicletas e suas peças e acessórios; medicamentos; e painéis de partículas de madeira, portas e janelas de madeira, madeira densificada (MDF) em blocos, lâminas ou perfis e madeira serrada, aplainada ou polida. Por outro lado, ainda na comparação com dezembro de 2016, entre as cinco atividades que apontaram redução na produção, as principais influências no total da indústria foram registradas por indústrias extrativas (-3,0%) e confecção de artigos do vestuário e acessórios (-15,5%), pressionadas, em grande parte, pelos itens óleos brutos de petróleo, na primeira; e camisas de malha de uso masculino, camisas, blusas e semelhantes de malha de uso feminino, calças compridas, camisetas (*T-Shirts*) de malha, vestidos de malha, bermudas, jardineiras, *shorts* e semelhantes de uso feminino, meias de algodão, cuecas, camisas de uso masculino, *sutiãs* ou *bustiers* e conjuntos de malha de uso feminino, na segunda.



Ainda no confronto com igual mês do ano anterior, bens de consumo duráveis (20,8%) e bens de capital (8,8%) assinalaram, em dezembro de 2017, os avanços mais acentuados entre as grandes categorias econômicas. Os segmentos de bens intermediários (4,2%) e de bens de consumo semi e não-duráveis (0,2%) também mostraram taxas positivas nesse mês, mas ambos com crescimento abaixo da magnitude observada na média nacional (4,3%).



O segmento de bens de consumo duráveis mostrou avanço de 20,8% em dezembro de 2017 frente a igual período do ano anterior, décima quarta taxa positiva consecutiva nesse tipo de comparação e a mais elevada desde fevereiro de 2014 (23,3%). Nesse mês, o setor foi particularmente impulsionado pelo crescimento na fabricação de automóveis (24,5%). Vale citar também as expansões assinaladas por motocicletas (112,5%), eletrodomésticos da “linha branca” (5,7%) e da “linha marrom” (5,0%), móveis (6,1%) e outros eletrodomésticos (19,8%).

O setor produtor de bens de capital mostrou crescimento de 8,8% no índice mensal de dezembro de 2017, oitavo resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação e ligeiramente mais intenso do que o observado em novembro último (8,4%). Na formação do índice desse mês, o segmento foi influenciado, em grande parte, pelo avanço verificado no grupamento de bens de capital para equipamentos de transporte (21,4%), impulsionado, principalmente, pela maior fabricação de caminhões e de caminhão-trator para reboques e semirreboques. As demais taxas positivas foram registradas por bens de capital de uso misto (29,4%), para construção (50,1%), para fins industriais (4,4%) e para energia elétrica (4,9%). Por outro lado, o único

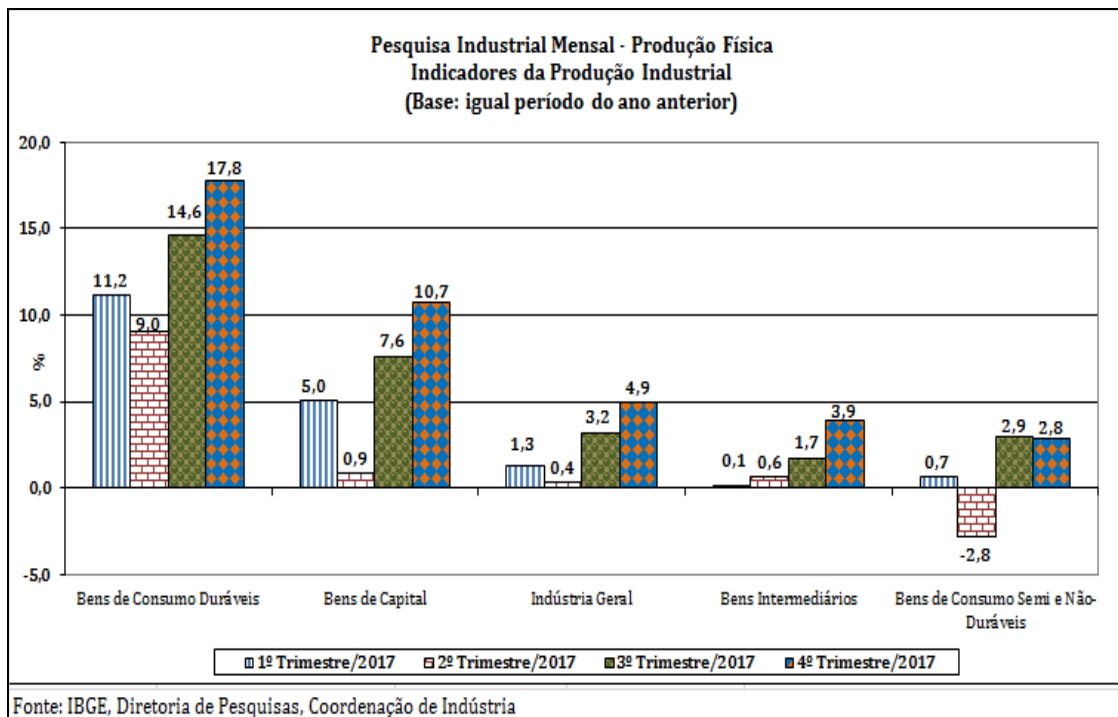
impacto negativo foi assinalado pelo grupamento de bens de capital agrícola (-28,2%).

Ainda no confronto com igual mês do ano anterior, o segmento de bens intermediários, ao crescer 4,2% em dezembro de 2017, apontou a oitava taxa positiva consecutiva e a mais elevada desde abril de 2013 (6,8%). O resultado desse mês foi explicado, principalmente, pelos avanços nos produtos associados às atividades de metalurgia (18,1%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (18,4%), de produtos alimentícios (7,1%), de celulose, papel e produtos de papel (12,1%), de produtos de borracha e de material plástico (8,5%), de produtos de metal (7,7%), de outros produtos químicos (2,4%), de produtos têxteis (9,7%), de máquinas e equipamentos (6,2%), de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (0,5%) e de produtos de minerais não-metálicos (1,0%), enquanto a única pressão negativa foi registrada por indústrias extrativas (-3,0%). Ainda nessa categoria econômica, vale citar também os resultados positivos assinalados pelos grupamentos de insumos típicos para construção civil (7,3%), que marcou a expansão mais acentuada desde abril de 2013 (9,6%); e de embalagens (5,4%), que mostrou a quinta taxa positiva consecutiva.

A produção de bens de consumo semi e não-duráveis apontou acréscimo de 0,2% no índice mensal de dezembro de 2017, terceiro resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação, mas o menos elevado dessa sequência. O desempenho nesse mês foi explicado, em grande parte, pelas expansões observadas nos grupamentos de não-duráveis (4,7%) e de alimentos e bebidas elaborados para consumo doméstico (0,9%), impulsionados, principalmente, pela maior fabricação de medicamentos, cigarros, isqueiros, sabões ou detergentes em pó e calcinhas de malha, no primeiro; e de sucos concentrados de laranja, cervejas, chope, sorvetes e picolés, carnes de bovinos congeladas, frescas ou refrigeradas e óleo de soja refinado, no segundo. Por outro lado, os subsetores de semiduráveis (-6,5%) e de carburantes (-1,6%) apontaram as taxas negativas nessa categoria, pressionados, principalmente, pela redução na produção de camisas de uso masculino (de malha ou não), tênis, camisas, blusas e semelhantes de malha de uso feminino, calças compridas, camisetas

(*T-Shirts*) de malha, vestidos de malha, bermudas, jardineiras, *shorts* e semelhantes de uso feminino e colchões, no primeiro; e de gasolina automotiva, no segundo.

Em bases trimestrais, o setor industrial, ao avançar 4,9% no quarto trimestre de 2017, apontou a taxa positiva mais elevada desde o segundo trimestre de 2013 (5,1%) e manteve o comportamento positivo registrado nos três primeiros trimestres de 2017: janeiro-março (1,3%), abril-junho (0,4%) e julho-setembro (3,2%), todas as comparações contra igual período do ano anterior. Vale destacar que esses resultados interromperam onze trimestres consecutivos de taxas negativas nesse tipo de confronto. O aumento no ritmo de produção verificado no total da indústria na passagem do terceiro (3,2%) para o quarto trimestre de 2017 (4,9%) foi observado em três das quatro grandes categorias econômicas, com destaque para bens de consumo duráveis (de 14,6% para 17,8%) e bens de capital (de 7,6% para 10,7%), influenciados, em grande parte, pelos avanços na produção de eletrodomésticos (de 8,5% para 11,1%), móveis (de 7,6% para 16,1%) e motocicletas (de -8,6% para 32,5%), na primeira; e de bens de capital para equipamentos de transporte (de 13,0% para 19,6%), para construção (de 50,2% para 62,8%) e para fins industriais (de -2,0% para 4,5%), na segunda. O setor produtor de bens intermediários (de 1,7% para 3,9%) também assinalou ganho entre os dois períodos, enquanto o segmento de bens de consumo semi e não-duráveis (de 2,9% para 2,8%) mostrou ligeira redução na intensidade do crescimento.

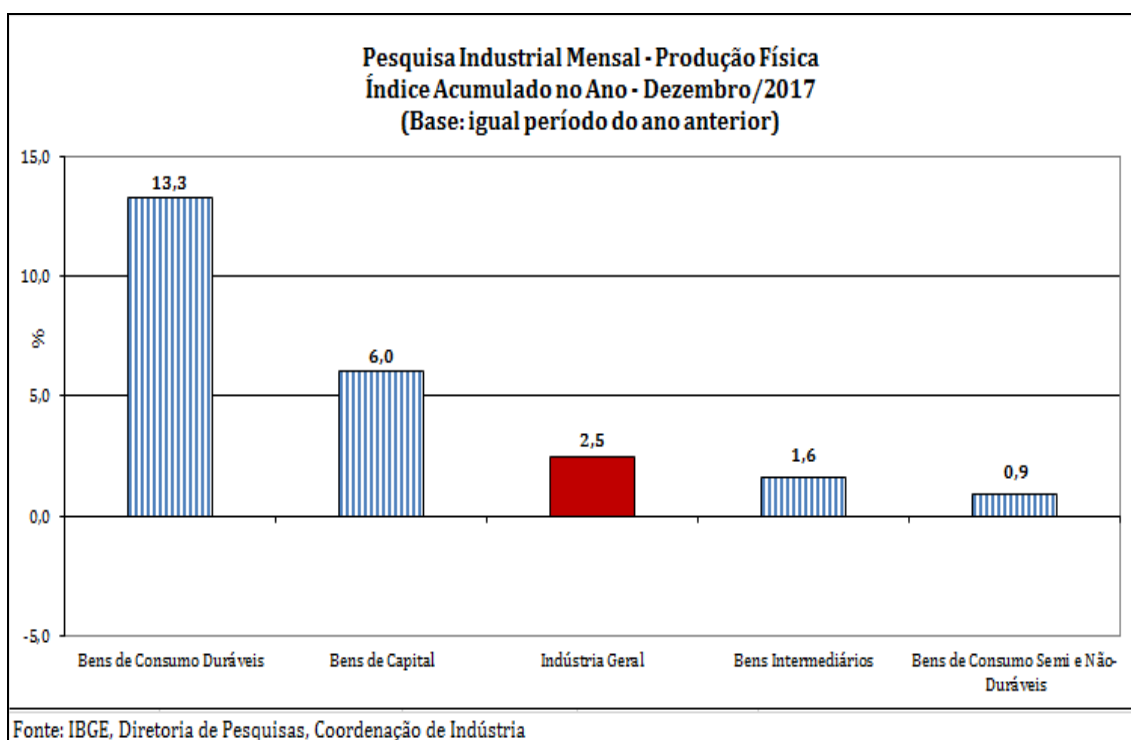


No índice acumulado para janeiro-dezembro de 2017, frente a igual período do ano anterior, o setor industrial mostrou expansão de 2,5%, com resultados positivos nas quatro grandes categorias econômicas, 19 dos 26 ramos, 51 dos 79 grupos e 56,4% dos 805 produtos pesquisados. Entre as atividades, veículos automotores, reboques e carrocerias (17,2%) exerceu a maior influência positiva na formação da média da indústria, impulsionada, em grande parte, pelos itens automóveis, caminhão-trator para reboques e semirreboques, caminhões, veículos para transporte de mercadorias e autopeças. Outras contribuições positivas relevantes sobre o total nacional vieram de indústrias extrativas (4,6%), de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (19,6%), de metalurgia (4,7%), de produtos alimentícios (1,1%), de produtos de borracha e de material plástico (4,5%), de celulose, papel e produtos de papel (3,3%), de máquinas e equipamentos (2,6%) e de produtos do fumo (20,4%). Em termos de produtos, os impactos positivos mais importantes nesses ramos foram, respectivamente, minérios de ferro; televisores, transmissores ou receptores de telefonia celular, telefones celulares, aparelhos de comutação para telefonia, antenas, placas de circuito impresso montadas para informática, máquinas automáticas digitais para processamento de dados, indicadores de velocidade, impressoras,

computadores pessoais de mesa (*PC desktops*) e unidades centrais para automação industrial; bobinas a quente, a frio e grossas de aço ao carbono não revestidos, ferronióbio, artefatos e peças diversas de ferro fundido, tubos, canos ou perfis ocos de aço sem costura e lingotes, blocos, tarugos ou placas de aço ao carbono; sucos concentrados de laranja, tortas, bagaços, farelos e outros resíduos da extração do óleo de soja e óleo de soja em bruto; peças e acessórios de plástico para indústria automobilística, pneus novos para automóveis, ônibus, caminhões e máquinas, sacos, sacolas e bolsas de plástico para embalagem e embalagens de plástico para produtos alimentícios ou bebidas; pastas químicas de madeira (celulose); motoniveladores, aparelhos de ar-condicionado de paredes e de janelas (inclusive os do tipo *split system*), carregadoras-transportadoras, rolamentos de esferas, agulhas, cilindros ou roletes para equipamentos industriais, escavadeiras, máquinas para colheita e suas partes e peças, partes e peças para máquinas e aparelhos de terraplenagem, aparelhos de ar-condicionado para veículos, *bulldozers* e *angledozers* e máquinas de limpeza ou polimento por jato de água e areia; e fumo processado industrialmente e cigarros. Por outro lado, entre as sete atividades que apontaram redução na produção, a de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-4,1%) assinalou a maior contribuição negativa no total da indústria, pressionada, em grande medida, pelo item óleo diesel. Vale destacar também os resultados negativos vindos de outros equipamentos de transporte (-10,1%), de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (-5,3%), de produtos de minerais não-metálicos (-3,1%) e de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-3,5%). Em termos de produtos, os impactos negativos mais relevantes nesses ramos foram, respectivamente, aviões, rebocadores e outros barcos para empurrar embarcações, vagões para transporte de mercadorias e bicicletas; medicamentos; massa de concreto preparada para construção, cimentos "Portland", artigos de fibrocimento, tijolos, granito talhado e serrado (inclusive em chapas), elementos pré-fabricados para construção civil e abrasivos naturais ou artificiais; e grupos eletrogêneos, fios, cabos e condutores elétricos com capa isolante, quadros, painéis, cabines e outros suportes equipados com aparelhos elétricos de interrupção e

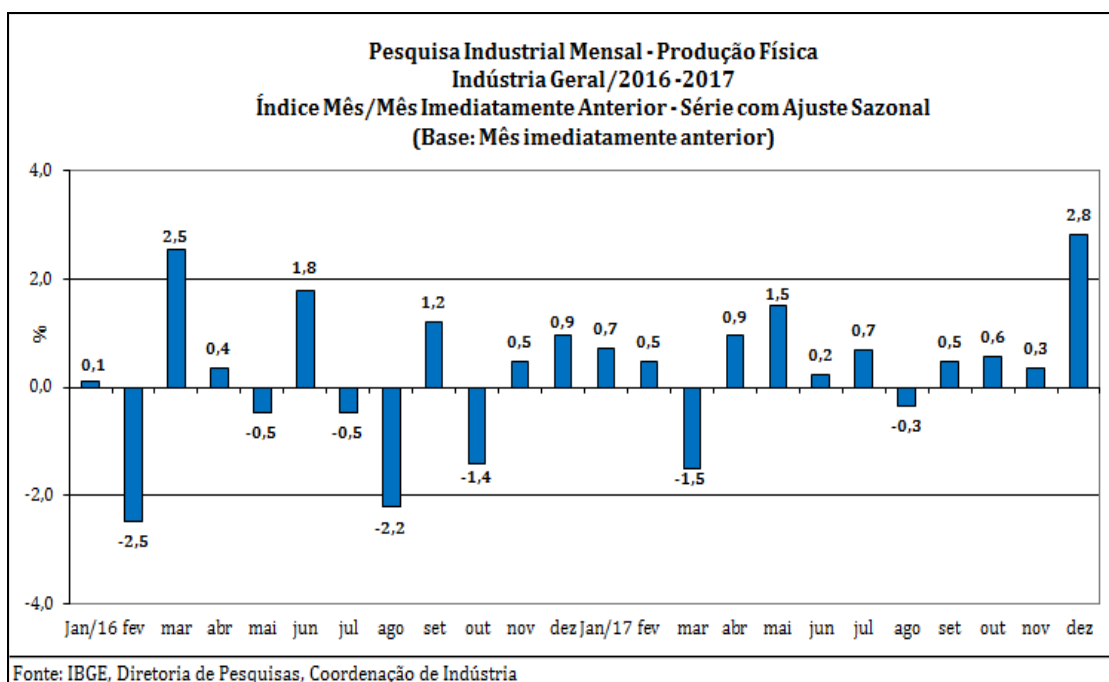
proteção, motores elétricos de corrente alternada e contínua, geradores de corrente alternada e suas partes e peças, lustres e luminárias, disjuntores e fusíveis.

Entre as grandes categorias econômicas, o perfil dos resultados para o ano de 2017 mostrou maior dinamismo para bens de consumo duráveis (13,3%) e bens de capital (6,0%), impulsionadas, em grande parte, pela ampliação na fabricação de automóveis (20,1%) e eletrodomésticos (10,5%), na primeira; e de bens de capital para equipamentos de transporte (7,9%), de uso misto (18,8%) e para construção (40,1%), na segunda. Vale destacar, nos dois grandes grupamentos, a influência da baixa base de comparação, uma vez que no período janeiro-dezembro de 2016 esses segmentos apontaram recuos de 14,4% e de 10,2%, respectivamente. Os setores produtores de bens intermediários (1,6%) e de bens de consumo semi e não-duráveis (0,9%) também assinalaram taxas positivas no índice acumulado no ano, mas com avanços abaixo da magnitude observada na média nacional (2,5%).



Em síntese, com a expansão de 2,8% verificada em dezembro último, quarto resultado positivo consecutivo no confronto com o mês imediatamente anterior, observa-se que ao longo de 2017, o setor industrial apresentou uma maior frequência de taxas positivas do que o observado em anos anteriores. Assim,

com exceção dos meses de março (-1,5%) e de agosto (-0,3%), todos os demais assinalaram crescimento na produção em 2017. Mas vale ressaltar que mesmo com esse comportamento positivo recente da indústria, essa recuperou apenas parte das perdas registradas nos últimos três anos e ainda encontra-se 13,8% abaixo do nível recorde alcançado em junho de 2013. Ainda na série com ajuste sazonal, o maior ritmo da produção industrial em 2017 também fica evidenciado na evolução do índice de média móvel trimestral que permanece com a trajetória ascendente iniciada em abril de 2017.



No confronto com igual mês do ano anterior, a produção industrial mostrou avanço pelo oitavo mês consecutivo, mas com o índice mensal de dezembro de 2017 reduzindo a magnitude de crescimento frente aos dois meses anteriores. Na análise semestral, em que o total da indústria teve comportamento positivo ao longo de 2017, verifica-se aumento na intensidade de crescimento na passagem dos seis primeiros meses do ano (0,8%) para o segundo semestre (4,0%), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Com isso, no fechamento do ano de 2017, o setor industrial também assinalou expansão (2,5%), interrompendo, dessa forma, três anos consecutivos de queda na produção. Entre as grandes categorias econômicas, esse ganho de dinamismo entre os semestres também fica evidenciado, com as maiores expansões vindo de bens de capital, que passou de 2,9% no primeiro semestre do ano para

9,1% no segundo, e de bens de consumo duráveis (de 10,1% para 16,2%). Os segmentos de bens de consumo semi e não-duráveis (de -1,1% para 2,9%) e de bens intermediários (de 0,4% para 2,7%) também apontaram ganho de ritmo entre os dois períodos.

